COSTA, Felipe Rodrigues da; FERREIRA NETO, AmarÃ-lio; SOARES, Antonio J. G. CrÃ´nica esportiva brasileira: histÃ³rico, construÃ§Ã£o e cronista. Revista Pensar a PrÃitica, v. 10, n. 1, p. 15 - 31, jan/jun. 2007.
Categoria : HistÃ³ria do Esporte e das prÃiticas sÃ³cioculturais
Publicado por admin em 24/05/2012

CRÔNICA ESPORTIVA BRASILEIRA: histórico construção e cronista

Felipe Rodrigues da Costa[1]

Amarílio Ferreira Neto[2]

Antonio Jorge G. Soares[3]

RESUMO

A crônica há muito tempo tem sido utilizada nos meios de comunicação, sobretudo no jornalístico. Na área esportiva brasileira, a crônica aborda as diferentes modalidades, principalmente o futebol, que servirá como referência para a discussão do nascimento da crônica na França, da sua construção como gênero literário, da chegada no Brasil e seu desenvolvimento como gênero nacional e do papel do cronista na sua transformação. Faz uma revisão de literatura para construir o histórico da crônica no Brasil, associando o futebol à "nacionalização" e difusão desse gênero narrativo.

Palavras-chave: Futebol. Crônica esportiva. Cronista

The Brazilian sports chronicle: historical, construction and chronicler

ABSTRACT

For ages the chronicle has been used in the communication area, above all in the journalistic one. In the Brazilian sports area, the chronicle talks about different modalities, especially soccer, that will work as a referential instrument for the discussion about the birth of the chronicle in France, its construction as literary genre, its arrival in Brazil and its development as national genre and the chronicler role in the transformation. It reviews Literature in order to build the chronicle historical in Brazil, relating soccer to the “nationalization” and diffusion of this narrative genre.

Keywords: Soccer. Sports chronicle. Chronicler.

Crónica deportiva brasilena: histórico, construcción y cronista

RESUMEN

La crónica, desde hace mucho tiempo se ha utilizado en los medios de comunicación, fundamentalmente en el periodístico. En el área deportiva brasilena, la crónica aborda las diferentes modalidades, principalmente el fútbol, que servirá como referencia para la discusión del nacimiento de la crónica en Francia, de su construcción como género literario, de su llegada a Brasil y su desarrollo como

género nacional y del papel del cronista en su transformación. Se hace una revisión de literatura para construir el histórico de la crónica en Brasil, asociando el fútbol a "nacionalización" y difusión de este género narrativo.

Palabras claves: Fútbol. Crónica deportiva. Cronista

Introdução

A crônica hoje se enquadra como gênero literário de assunto livre, de registro de pequenos fatos do cotidiano sobre política, arte, esporte e variados temas. Por se tratar de assuntos considerados menos importantes e por ser um texto limitado espacialmente nas edições dos jornais nas colunas ou em artigos opinativos, a crônica é tida como um gênero menor, o que, talvez, seja essa característica que permita ao cronista analisar "[...] as pequenas coisas que as grandes vistas não percebem" (LUCENA, 2003, p. 162).

A crônica conhecida nos dias de hoje no Brasil, nasceu nos folhetins franceses (século XIX), nos rodapés dos jornais, para entreter os leitores, aparecendo em 1799, no Journal Dibats, em Paris, com Julien-Louis Geoffrou “[...] fazendo crítica diária da atividade dramática” (MOISÉS, 1982, p. 245).

Nos espaços de rodapé, começaram a aparecer textos de ficção, nascendo, assim, o folhetim romance e o folhetim variedades. O folhetim romance era desenvolvido em capítulos, o que permitia que o leitor acompanhasse a história dia a dia pelos jornais. Já o folhetim que deu origem ao gênero crônica foi o folhetim variedades. Lucena (2003, p. 164) descreve as transformações operadas nesse gênero de jornalismo:“[...] de onde ela emerge, a crônica vai instaurar rupturas tanto do ponto de vista lingüístico quanto, e principalmente, do ponto de vista temático”. O argumento central é que a crônica pode ser não ficcional, na medida em que deriva de fatos do cotidiano, ao mesmo tempo em que pode possuir uma dimensão ficcional, quando possibilita ao autor construir diálogos e acrescentar personagens, além das características poéticas também pertinentes à crônica. Mas

esse sentimento “[...] não pode ser a simples expressão de uma dor de cotovelo, mas acima de tudo um repensar constante pelas vias da emoção aliada à razão [...] papel [que] se resume no que chamamos de lirismo reflexivo” (SÁ, 2002, p. 13).

Dessa forma, o presente artigo objetiva estabelecer a relação entre a crônica esportiva e o futebol no Brasil: a crônica como objeto que busca seu espaço nos meios de comunicação e o futebol se desenvolvendo como esporte popular.

O jornal se apresenta para nós como um veículo de

[...] manutenção e 'construção' de um passado que assume significados no presente da notícia [...] no caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte (SALVADOR et al., 2005).

A crônica no Brasil

Chegando ao Brasil, a crônica ganhou nova roupagem, a ponto de exclamarem que esse gênero seria tipicamente brasileiro:

[...] a crônica assumiu entre nós caráter sui generis. Em outros termos, estamos criando uma nova forma de crônica (ou dando erradamente esse rótulo a um gênero novo) que nunca medrou na França. Crônica é para nós hoje, na maioria dos casos, prosa poemática, humor lírico, fantasia, etc., afastando-se do sentido de história, de documentário que lhe emprestam os franceses (MOISÉS, 1982, p. 246).

Para alguns, a crônica foi naturalizada brasileiro-carioca:

> [...] se gaulesa na origem, a crônica naturalizou-se brasileira, ou melhor, carioca: é certo que há cronistas, e de mérito, em vários Estados onde a atividade jornalística manifesta vibração algo mais do que noticiosa, - mas também é certo que, pela quantidade, constância e qualidade de seus cultores, a crônica semelha em produto genuinamente carioca (MOISÉS, 1982, p. 246).

Naturalização essa que, para Moisés (1982), foi conseguida pelas profundas transformações promovidas pelos escritores brasileiros, sobretudo os cariocas, não só pela qualidade dos cronistas, mas também pela quantidade e pela constância com que publicavam. O Rio de Janeiro, quando a crônica ganha força no início do Séc. XX, era a capital da República e um palco central de acontecimentos. Teria sido Mario Filho que, trazendo uma nova forma de escrita, [4]um estilo mais simples, sepultou a escrita de fraque dos antigos cronistas esportivos. Seria ele a referência do nascimento da crônica esportiva, incorporando ao gênero, além da nova linguagem, respeitabilidade ao ofício da crônica:

> Mario Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página [...]. Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês [...]. O cronista esportivo começou a mudar até fisicamente. Por outro lado, seus ternos, gravatas e sapatos acompanharam a fulminante ascensão social e econômica. Sim, fomos profissionalizados por Mario Filho. (RODRIGUES, 1987, p. 137-138).

Foi no Rio de Janeiro que se iniciou a atividade folhetinesca. Durante a década de 1930, tido como o ano da aceitação da crônica, após duas décadas de divulgação, a nação passava por momento político delicado. “Tratava-se de um período da história do Brasil que se caracteriza pelo reformismo. A substituição, pura e simples, de um segmento das classes políticas dominantes por outro, sem que isso significasse qualquer transformação de base no país” (CALDAS, 1990, p. 179).

Esse quadro político nacional estimularia a publicação de material crítico daqueles que estavam inseridos no processo, contra ou a favor do regime instaurado. “O contexto em que se dava essa produção é que apresentava uma novidade: a correlação entre artista e intelectual de um lado, e Estado e sociedade de outro” (CALDAS, 1990, p. 181). Nesse contexto de efervescência cultural, a crônica já estava legitimada como gênero, mas, desde a década de 1910, o futebol, em conjunto com outros assuntos, já estava presente nas penas de cronistas famosos: os grandes responsáveis por essa aceitação da crônica no Brasil foram João do Rio (1900 - 1920) iniciando o processo de divulgação desse gênero; depois com Rubem Braga, na década de 1930, seguido de vários outros, como Fernando Sabino, Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos (MOISÉS, 1982). Esse mesmo contexto contribui também para mudanças literárias no País. Com a Academia Brasileira de Letras perdendo prestígio no cenário instituído, bem como a literatura de estilo rebuscado, caracterizada pelos escritos de Rui Barbosa, a chegada dos modernistas influenciou a entrada de uma nova perspectiva literária.

Pensamos que a crônica, nascida nos folhetins franceses e construída ao estilo francês, chega ao Brasil e sofre adaptações lingüísticas e temáticas, de maneira tão profunda que passa a ser considerada um gênero brasileiro. Moisés (1982) afirma que adaptação do gênero à realidade brasileira ou a apropriação do termo acabou por constituir-se num novo estilo de retratar o cotidiano. Nos termos de Burke (2003, p. 32) poder-se-ia pensar que estamos diante do processo de circularidade cultural, isto é, "[...] cada imitação é também uma adaptação".

Esse processo de adaptação criou a marca do uso metafórico das palavras e os processos lingüísticos [5] trabalhados na crônica brasileira, sobretudo, na esportiva. Esses usos teriam sido peças fundamentais para a constituição da crônica no Brasil e caracterização do gênero como brasileiro e carioca. Um cronista que trabalha de maneira diferenciada a linguagem é Armando Nogueira:

Sua crônica reveste-se, assim, dos efeitos catárticos, por transmudar em palavra poética, pelo viés da subjetividade, os sentimentos que subjazem à representação das coisas e objetos e por evocar as imagens mítico-simbólicas que ressoam no imaginário do futebol [...]. Desta forma, Nogueira redefine a crônica de futebol, ao reorientar para o poético, em função de uma linguagem mítico-metafórica, um percurso supostamente referencial e, ao inserir nele as aspirações humanas dos aficcionados por esse esport [...] sua crônica, pelas implicações lingüísticas da subjetividade do narrador, contribui para a classificação da crônica de futebol como um subgênero (RAMADAN, 1997a, p. 26).

No jornalismo esportivo brasileiro, Armando Nogueira é um exemplo da construção da crônica poética, ficcional. Esse cronista usa “[...] adjetivações valorativas, ritmo, jogo de imagens, subterfúgio da metáfora” (RAMADAN, 1997a, p. 29) Em outra direção, Tostão situa sua narrativa na dimensão não ficcional (real) enfatizando as análises táticas e técnicas do futebol.

Essas formas diferentes de escrever nos levam a crer que a crônica pode ser construída no campo poético e no campo jornalístico. A crônica “poética”, “atemporal”, “ficcional” tem suas características próximas do conto, mas se diferenciam quanto ao tamanho e, principalmente, quanto à intensidade poética. Já a crônica jornalística, temporal, tem a coluna como sua semelhante. Porém, a coluna procura relatar e à crônica é permitida a opinião.

A quantidade [6] de cronistas e a qualidade apresentada nos textos mais o uso da metáfora em grande escala transformaram um gênero estrangeiro na terra que configuraria o "país do futebol". A crônica no Brasil acompanhou as modificações ocorridas no esporte e, em relação ao futebol, pode-se perceber que os assuntos são buscados também pela evolução desse esporte contando os feitos dos craques nas décadas de 1930, 1940 e 1950; nas décadas de 1960 e 1970 com a inclusão da discussão das táticas desenvolvidas; e atualmente temos o planejamento físico e as jogadas ensaiadas em destaque (MARQUES, 2000).

Trouche (2002) considera as décadas de 1920, 1930 e 1940 como sedimentadoras da prática do futebol, massificando e "[...] transformando o futebol, mais do que em esporte nacional, numa verdadeira paixão popular mobilizando um contingente de centenas de milhares de praticantes e torcedores a cada final de semana".

Uma breve observação nos periódicos nas primeiras décadas do século XX nos permite dizer que a imprensa do Rio de Janeiro ampliou o espaço dedicado aos esportes. Esta ampliação se dá no momento em que a imprensa se direciona para o amplo público que se formava em

torno do futebol, tomando como alicerce o caráter empresarial que caracterizava os grandes jornais (BOTELHO, 2006, p. 328).

O desenvolvimento do esporte fez a imprensa mudar o olhar e a maneira de trabalhar a formação profissional da área. A editoria de esportes, antes considerada um ofício para iniciantes, uma escola para os novos profissionais da imprensa, com a evolução do esporte e a especialização profissional, mudou o conceito acerca do esporte e reescreveu o perfil do jornalista esportivo: além de saber regras, devia conhecer "[...] história, personagens, fatos, evolução nos tempos, implicação cultural e social" (COSTA, 2001, p. 31).

A caracterização de que o esporte seria, dentro dos jornais, uma editoria que acolhe profissionais com pouca experiência/conhecimento teria contribuído, também, para que a crônica esportiva fosse tratada como gênero menor. Para Trouche (2002) os anos de 1960 e 1970

[...] representam indiscutivelmente o apogeu do futebol brasileiro em todos os sentidos e é neste contexto que a crônica esportiva conquista espaço definitivo nos principais órgãos de imprensa do país e, principalmente, se profissionaliza definitivamente, adquirindo contornos poéticos próprios, e redesenhando novas fronteiras para o universo do literário.

Reforça essa idéia o discurso abaixo, que inclui outros segmentos da cultura social envolvidos na difusão do esporte:

[...] o futebol, a literatura, a imprensa e a música popular constituíram no Brasil um poderoso tripé para a implementação e - principalmente - a popularização do esporte nas grandes cidades do país. Escritores, jornalistas e músicos assumiram através de seus trabalhos um diálogo constante com seus pares e com os torcedores. Ao mesmo tempo, participaram ativamente do cotidiano do esporte, atuando não só como agentes culturais, mas também como cronistas, narradores esportivos, diretores de clubes, compositores de hinos e até mesmo como jogadores. As relações entre futebol, literatura, imprensa a música popular brasileira são, portanto, mais do que uma relação estética ou de inspiração temática, constituindo um novo espaço popular na sociedade (COELHO, 2006, p. 231).

Apesar disso, Lucena (2003) aponta que, com o passar dos dias, a crônica sofre com a perda do seu vigor. Com sua fase áurea, entre as décadas de 1950 e 1970, a crônica teria perdido sua força, talvez por dois motivos: o surgimento da televisão e a inexpressividade dos cronistas que surgiam. Porém, Ramadan (1997a, p. 18) nos remete ao fato de que, ao contrário do que se pensa, a crônica conquistava mais espaços:

Estas previsões pessimistas caem por terra se examinarmos jornais e revistas de grande circulação. Em quase todos [...] há um espaço cada vez maior destinado à voz dos cronistas. E pode-se afirmar que a crônica revitalizou-se de tal forma que, hoje, encontra-se em grau de especialização. Assim se explica a crônica humorística de Jô Soares e Luís Fernando Verríssimo, publicada em jornais e revistas da atualidade, ou a futebolística de Armando Nogueira.

Em outro momento, o jornalismo esportivo perdeu força com o profissionalismo do futebol. Enquanto o futebol seguia amador, a Associação de Cronistas Desportivos (ACD) promovia o Torneio Initium, no Rio de Janeiro. Iniciado em 1916, durou até 1977, com o objetivo de incentivar torcedores a acompanhar suas equipes no campeonato estadual.

Esta imprensa escrita tem grande importância no que diz respeito ao desenvolvimento do futebol como objeto de consumo, a partir do momento em que o esporte ocupa, de maneira ampliada, o universo temático dos jornais. Assim o futebol passa a ser considerado um elemento que vai ajudar a ampliar as vendas de determinado periódico, à medida que este aumento ao espaço de atuação dos cronistas esportivos.

A ACD começa a perder sua força à medida que o futebol e o jornalismo começam efetivamente a profissionalizar-se. Com o enfraquecimento do amadorismo, a partir de 1923, o futebol começa lentamente a deixar de ser organizado pelos jornalistas. E finalmente, em 1933, passa a girar inteiramente numa órbita profissional (BOTELHO, 2006, p. 330).

Para Normando (2003), o desinteresse [illegible]lacionado com o futebol estava presente na área acadêmica, e a produção acerca da temática "futebol" estava fortemente associada aos cronistas esportivos:

O futebol, por volta da segunda metade do século XX, deixou de freqüentar a pauta de interesse acadêmico ou, pelo menos, teve drasticamente diminuído as pesquisas e a divulgação do trabalho intelectual sobre a temática. À exceção mais notória de um punhado de cronistas esportivos - dos quais o maior exemplo talvez tenha sido Nelson Rodrigues -, poucos se dignaram a olhar o jogo de bola com uma perspectiva investigativa mais profunda.

A fase de crescimento da crônica se relaciona com o aumento dos interessados em esporte, e isso, conseqüentemente, se deve ao desenvolvimento do esporte. O futebol, que aos poucos caía no gosto popular e passava a movimentar os populares, deixando o turfe e as regatas em segundo plano, formou cronistas e público. Em 1900, Olavo Bilac já escrevia crônicas descrevendo o cotidiano da cidade; em 1878, Machado de Assis já discorria sobre turfe; em 1884, havia crônica sobre regatas (LUCENA, 2001).

Assim, o cotidiano metropolitano ganhava mais um acontecimento a ser contado: o esporte. Com seu desenvolvimento, ganhava cada vez mais espaço e se inseria no cotidiano da cidade e no gosto popular. Aqueles que escreviam sobre o dia-a-dia da cidade passaram a observar essa nova realidade. As crônicas sobre o esporte - e, sobretudo o futebol - ganharam a alcunha de crônica esportiva, "[...] num exemplo da relação que se aprofundava entre a linguagem jornalística e a crônica, que vai passo a passo se constituindo num gênero híbrido" (LUCENA, 2003, 147). É o que argumenta Marques (2000, p. 4):

O papel da simplicidade, brevidade e graça, próprias da crônica deixa de ser comentário argumentativo e expositivo, para colocar de lado a seriedade nos problemas e transformar-se em aparente 'conversa fiada'. Seu amadurecimento se dá numa composição de um fato miúdo, analisado com um toque humorístico e mais um quantum sátis de poesia.

A relação com o Rio de Janeiro pode ter se estabelecido em conseqüência de esta cidade ser o pólo esportivo do País na época e ainda contar com grandes escritores. Além disso, a rápida propagação do esporte nos subúrbios da cidade, inclusive com fundação de clubes que agregavam os moradores de bairros-sede deram associações que, estatutariamente não excluíam a participação de sócios por raça, credo, posição social, formava grande público praticante e leitor de crônicas esportivas (PEREIRA, 2000).

Tentando compreender a difusão das práticas esportivas no Rio de Janeiro do século XIX e no período de transição para o século XX, Melo (1999), vai apelar também às crônicas como uma forma de melhor visualizar o conteúdo em que estavam 'crescendo' as ações nos diferentes esportes. Para Melo, era também importante assumir que a crônica, da forma como ela se constrói entre nós e em especial no Rio de Janeiro, que tem uma forte ligação com esse gênero, torna-se uma forte relevante que nos permite ter acesso aos pequenos fatos do cotidiano (LUCENA, 2003, p. 162).

Como já foi visto, da mesma forma que a crônica transita entre o ficcional e o não ficcional, ela também o faz entre o literário e o jornalístico. Pensamos que a crônica esportiva pese mais para o lado jornalístico, analisando os fatos recorrentes, porém com o adicional da liberdade do cronista em transformar a notícia. Costa (2001) argumenta a favor de uma análise esportiva mais próxima do cotidiano, quando diz que "[...] o escritor esportivo se apóia no real, se compromete de alguma forma, com a realidade de um fato" (p. 53). Neste ponto entre ficcional e histórico/real, percebemos que o ficcional existe, mas a exatidão da crônica esportiva no Brasil, publicada em jornais, não tende a ficcionar os fatos, [illegible]o cronista para olhar a experiência de quem vê, e seu discurso é elaborado para bem ver o

[illegible]

[illegible]

A crônica faz uso de relações de personalidades e fatos históricos, inserido em um contexto que possibilita o uso do recurso "ficção", livre na relação criativa na sua imaginação, sem comprometer agressividade.

Isso de uma brincadeira característica, para a essa identidade e crítica única entre a crônica e o conto. No conto o autor interpreta os universos de personagem, de tempo, de espaço e de atmosfera que lembra forja um "ser assumpsion", a crônica age de maneira mais sutil, tendo a impressão de que pretende apenas fixar sua espécie de sua própria consciência [...]. (GIL, 1999, p. 4).

É importante que a crônica não ultrapasse a fronteira existente entre crônica e conto. Lendo a pessoa uma das habilidades dessa passagem: "Não estranha, por isso, que a palavra seja uma de suas fronteiras, limitando espaço em que se movimenta livremente; e o conto, a fronteira de um território que não lhe pertence" (MOISÉS, 1968, p. 291).

Ao final, sobre a percepção de crônica, Moisés (1968, p. 293) traça as impossibilidades mantenedoras à crônica:

A impossibilidade é clara ao desconhecida como ocupada pelos cronistas. A causa reside nas coisas que lhes importa e ao leitor, a seara lírica dos acontecimentos cada lugar e universidade crônica com que os cronistas discutem o mundo.

Além das características linguísticas, impossibilidade é fundamental para a construção da crônica, exatamente para manter a opinião de escritor para que o texto seja formado.

Todos nós sem ao conto exemplo para que tratemos de impossibilidade. As concepções teóricas e suas evoluções, selação literatura, jogadores e concretos técnicos das práticas têm um suas crônicas as características passadas como fitas para a produção de texto. Fundamental aos "fins", suas características passadas, direcionou a escritora-cronista e o conto de seu texto, demonstrando claramente a forças epidemia da crônica. Essa "universidade simultâna" deve ser avaliada pelo cronista para que não tenha como produtor final um conto, e a presença de sua opinião no que escreve é diferente de um escritor de crônicas. Formados as temáticas já citadas, formação do leitor e a "escolar" do Estado no Brasil e contribuem aproximadamente 50% dela, escolha trabalho por vez, do 1997 a 2007, é opinião presente nos textos e traz a cotidianidade mais dos escritos com a sua experiência de maior jogador tirinha de dezesse de 1999 e com a passagem na

adaptabilidades, compatibilidade e o empreendimento mundial em 1970, pelo abandonar precisamente a liberdade as crônica médica, professor universitário e as alterna-lhe liberdade para valorizar a essa aspecto na condição da crônica esportiva. O "fim" que nesse a sua escrita ainda as crônicas de dia-a-dia afastado de futebol, o esporte que o próprio para o mundo, as crônicas por essa política e sua estrita no mundo jornalístico. Isso tira-lhe termos, direta e, sobretudo, honesta, é resultado de sua vasta experiência pessoal e profissional que o aprimora-lhe crônica jornalística e a alterna-lhe crônica poética.

Nomes de grupos dos crônicas poéticos, estão, além dos Armando Nogueira, o carioca Martin Pitta e seu irmão Nelson Rodrigues. O Futebol, para essas crônicas, é motivo dos poetas, por essa razão eles trazem esses elementos do campo lírico e o fático do Futebol para contar a melancolia humana e a arte? Ao.

A crônica possibilita-se assim abordar diversos assuntos num mesmo texto que lhe permitam, ao final, amarrar as matérias que escolhas. Bendix e Lauritz (1963, p. 76) relacionam essa ligeiras da crônica - jornalística e literária - como uma dificuldade do estilo e o gênero: "Até onde vai o jornalista e termina a escritor?", pergunta-se. Por todas as características que permitem uma crônica ser uma crônica, entendam: "cujo são certas aceitos que a Academia Brasileira de Letras